

MÁRIO QUINTANA E A CIDADE DE PORTO ALEGRE/RS: DIÁLOGOS ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA

*MARIO QUINTANA AND THE PORTO ALEGRE CITY/RS:
DIALOGUES BETWEEN GEOGRAPHY AND LITERATURE*

*MARIO QUINTANA Y LA CIUDAD DE PORTO ALEGRE/RS:
DIÁLOGOS ENTRE GEOGRAFÍA Y LITERATURA*

Priscila Viana Alves

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia
Universidade Federal Fluminense Brasil
Polo Campos dos Goytacazes RJ
priscilaviana@id.uff.br

Elis de Araújo Miranda

Laboratório de Pesquisa Cultura, Planejamento e Representações Espaciais
Professora dos Programas de Pós-Graduação em Geografia e
Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas
Universidade Federal Fluminense
elismiranda10@gmail.com

Resumo: Este artigo apresenta a análise da relação entre geografia e literatura expressa na obra do poeta Mario Quintana no livro *A vaca e o hipogrifo* (1983). Os poemas selecionados são considerados aqui como *poéticas assumidamente espaciais* (ALVES, 2009, p. 206). A relação entre a geografia e a literatura é profícua desde os primórdios da tradição geográfica. Todavia, são análises recentes que abordam essa temática ao propor um resgate desse diálogo rejeitado metodologicamente ao longo da história do pensamento geográfico. A corrente denominada Geografia Humanista valoriza as geografias marginalizadas pela academia e valoriza as representações espaciais lidas em obras de arte, sobretudo a literatura, na interpretação do mundo apreendido pela subjetividade. A imaginação poética de Mario Quintana possui uma característica singular de ligação com o lugar, pois aquela é aperfeiçoada a partir da vivência no/com espaço e com os sujeitos com quem Quintana compartilhava determinados lugares da cidade de Porto Alegre RS.

Palavras-chave: Lugar, Literatura, Mario Quintana, Geografia humanista, Geograficidade



Abstract: This paper presents an analysis of the relation between Geography and Literatura expressed in Mario Quintana's *A vaca e o hipogrifo* (1983). The selected poems are considered as a fundamentally spatial poetic (ALVES, 2009, p. 206). The relation between Geography and Literature is fruitful since the geographical tradition beginnings. However, recent are the analyses that approach this theme by recovering this methodological rejected dialogue along the geographical thought history. The school denominated Humanistic Geography valorizes the academic marginalized geographies and valorizes the spatial representations seen in art, especially literature, in the world interpreted by subjectivity. The poetic imagination of Mario Quintana has a singular characteristic of place connection, because it is developed from the experience in and with the space and with the subjects which Quintana shared specific places in Porto Alegre/RS.

Keywords: Place, Literature, Mario Quintana, Humanistic Geography, Geograficity

Resumen: Este artículo presenta el análisis de la relación entre geografía y literatura expresada en la obra del poeta Mario Quintana en el libro *La vaca y el hipogrifo* (1983). Los poemas seleccionados son considerados aquí como poéticas supuestamente espaciales (ALVES, 2009, 206). La relación entre la geografía y la literatura es proficua desde los primordios de la tradición geográfica. No obstante, son análisis recientes que abordan esta temática al proponer un rescate de ese diálogo rechazado metodológicamente a lo largo de la historia del pensamiento geográfico. La corriente denominada Geografía Humanista valoriza las geografías marginadas por la academia y valora las representaciones espaciales leídas en obras de arte, sobre todo la literatura, en la interpretación del mundo aprehendido por la subjetividad. La imaginación poética de Mario Quintana posee una característica singular de conexión con el lugar, pues ésa es perfeccionada a partir de la vivencia en el / con espacio y con los sujetos con quienes Quintana compartía determinados lugares de la ciudad de Porto Alegre RS.

Palabras clave: Lugar, Literatura, Mario Quintana, Geografía humanista, Geograficidade.

INTRODUÇÃO

O conteúdo geográfico existente na obra de Mario Quintana no livro *A vaca e o hipogrifo* é o objeto de análise deste artigo. Defende-se que há uma relação intrínseca entre a produção literária Quintaneana e a cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, lugar no qual o poeta viveu grande parte de sua existência. A relação entre geografia e literatura não está presente somente em Quintana, uma vez que há um crescente avanço nas pesquisas que abordam a temática em outros autores, como afirma Collot (2012, p. 18) “há cerca de vinte anos, um importante número de trabalhos tem sido consagrado ao estudo da inscrição da literatura no espaço e/ou à representação dos lugares nos textos literários. Tais estudos se unem ao interesse cada dia maior dos geógrafos pela literatura”.

O espaço urbano foi cenário para o incremento da imaginação de Quintana e este eternizou as transformações que ocorreram na cidade no século XX em seus poemas. Mario Quintana, sujeito do século XX, vivenciou as transformações emergentes no espaço urbano,

como também na sociedade de sua época. Sua obra revela que o espaço é fonte de inspiração uma vez que possui os traços de uma geografia vivida, experienciada e imaginada.

A geografia humanista é base de orientação filosófica e metodológica deste trabalho. Aquela valoriza a apreensão do espaço pela subjetividade, o que não raramente prioriza a relação entre geografia e arte. Deste modo as vivências e as experiências geográficas são eleitas como prioritárias para a análise dos estudos específicos desta corrente. Lugar, relacionado essencialmente com a vivência e experiência humanas sobre a Terra é o conceito que sustenta teoricamente a investigação da geografia contida na obra de Mario Quintana. A geografia de embasamento humanista é o meio pelo qual a humanidade realiza a sua existência, o caminho que possibilita a consciência humana de si mesma, que tem sua fundação e seu limite na Terra (DARDEL, 2015, p. 48).

A relação entre geografia e literatura esteve presente na tradição geográfica e é anterior a sistematização deste conhecimento enquanto ciência. Como também o conhecimento geográfico esteve presente nas primeiras descrições de mundo realizadas por viajantes e literatos que partiram da geografia do lugar para criar suas narrativas e explicações de mundo. Contudo esse acúmulo nos estudos entre geografia e sua relação com a arte foi rejeitada ao longo da trajetória do pensamento geográfico pela primazia da razão eleita pela ciência moderna.

Análises recentes que abordam essa temática propõem um retorno a essa geografia renunciada metodologicamente e avançam em questões acerca das experiências sujeitos ordinários com e no espaço. Esta retomada do interesse pela geografia literária é paralela ao interesse das ciências humanas e sociais pelo espaço, o que Collot (2012, p. 18) conceitua de “virada espacial” ou “virada geográfica”, que não foi inspirada pela geografia, no entanto a valorização do espaço nas ciências sociais foi circunstância da importância do próprio conteúdo espacial para o desenvolvimento dos fenômenos sociais:

O fortalecimento de uma geografia literária é inseparável da evolução das ciências humanas e sociais, as quais se mostram há cerca de cinquenta anos cada vez mais atentas à inscrição dos fatos que tocam ao homem e a sociedade no espaço. Pode-se falar a esse propósito de uma «virada espacial» ou “virada geográfica” (COLLOT, 2012, p. 18).

O debate de lugar é essencial para a geografia humanista, pois as relações espaciais são estabelecidas na vivência e, também, no lugar de experiências afetivas que ligam o ser humano a Terra. Os literatos descrevem os seus lugares afetivos de maneira singular por evidenciar os aspectos sensíveis que permeiam o espaço, diferente da ciência, o que demonstra a importância deste estudo para a produção geográfica e literária.

GEOGRAFIA E LITERATURA

A ciência moderna e nesse contexto a ciência geográfica, está constituída por dois polos epistemológicos: o primeiro orientado pela visão totalizante e universal do projeto de ciência e o outro se contrapõe à concepção racionalista. O primeiro polo é eleito como o principal,

que garante a primazia da razão e o segundo é uma contracorrente, já que questiona o reinado da razão. Segundo essa última visão, a razão humana possui diferentes maneiras de expressão e apreensão de mundo, o que podem ser abarcadas pela ciência, assim como pela arte. Ambos os polos epistemológicos são modernos uma vez que surgiram no século XVIII, porém a razão ocupou o local de destaque na ciência moderna em detrimento das contracorrentes como a fenomenologia, a hermenêutica, o romantismo (GOMES, 1996).

A referência literária feita pela geografia remonta aos gregos nas sistematizações elaboradas por Estrabão. Este autor defendeu que a tarefa do geógrafo é compreender o seu lugar no mundo e a própria existência da humanidade na terra. Trabalho que deve ser orientado por um pensamento crítico e reflexivo. Os geógrafos da Antiguidade fizeram referência à filosofia, a mitologia e a literatura antiga em suas explicações de mundo e análise regionais, em suas cosmologias e cosmogonias. Circunstância que equivale a valorização do papel da literatura para o aperfeiçoamento da geografia, referência essencial para os primeiros estudos entendidos como geográficos que abordavam a relação da humanidade e a Terra.

Lévy afirma que,

Estrabão, na introdução de sua Geografia, insiste para que o geógrafo seja também um filósofo, isto é um pesquisador dotado de um pensamento crítico e reflexivo. Para ele, o primeiro geógrafo foi Homero. Estrabão visa uma ciência de síntese, uma disciplina autorizada a falar da existência dos homens sobre a terra (LÉVY, 2006, pp. 26-27).¹

Para Lévy (2006) a geografia também consiste em dois polos epistemológicos, assim como a Modernidade segundo Gomes (1996). O primeiro polo é o literário e o segundo é o científico. Com os estudos fundantes da geografia moderna alcançados por Humboldt essas concepções polarizadas e aparentemente excludentes se contemplam, uma vez que para Humboldt a literatura expressa os sentimentos da natureza desde as antigas civilizações conhecidas em sua época. Desta maneira a geografia deve se atentar para a Literatura como fonte legítima de pesquisa.

Segundo Lévy:

Para Humboldt, o autor da primeira síntese sobre nosso tema, só a literatura é capaz de reconstruir o sentimento da natureza, tal que este se revela nas mais antigas civilizações conhecidas de sua época: os gregos, os romanos, os hebreus, os indígenas, os europeus da Idade Média, do Renascimento e até o século XVIII. (LÉVY, 2006, p. 27).²

-
- 1 Strabon, dans l'Introduction de sa Géographie, insiste pour que le géographe soit aussi un philosophe, c'est-à-dire un chercheur doté d'une pensée critique et réflexive. Pour lui, le premier géographe fut Homère. Strabon vise à une science de synthèse, une discipline habilitée à parler de l'existence des hommes sur la terre (LÉVY, 2006, pp. 26-27)
 - 2 Pour Humboldt, l'auteur de la première synthèse sur notre sujet, seule la littérature est capable de retracer le sentiment de la nature, tel qu'il se révèle dans les plus anciennes civilisations connues à son époque: les Grecs, les Romains, les Hébreux, les Indiens, les Européens du Moyen Age, de la Renaissance et jusqu'au 18e siècle. (LÉVY, 2006, p.27).

Gomes (1996) denominou Humboldt de “ecletico cosmopolita” de modo que em suas narrativas de viagens ele construía cosmografias ao abarcar a análise empírico-racional, que prioriza a razão, bem como a análise mítico-simbólica, que garante a importância da sensibilidade. Humboldt compreendia a importância das análises objetivas, mas também a relevância dos aspectos subjetivos. As duas expressões investigativas são intrínsecas ao discurso dos fundadores da geografia moderna, como Humboldt e “seu discurso é racional, lógico, mas também poético e emocional” (GOMES, 1996, p. 152). A literatura é uma rica fonte para a imaginação científica e impulsiona o espírito investigativo, criativo.

De acordo com Lévy,

A literatura é assim considerada como uma fonte de imaginação científica, de estimulação intelectual, capaz de despertar desejos, de influenciar gostos, de acionar a ação. A literatura antiga exprime também o grande mito da época romântica da contemplação da natureza. O método do autor é hermenêutica, intertextual e comparativa. Ele questiona, traça filiações e confronta os grandes textos do passado sobre esta questão fundamental. A literatura é assim considerada como uma linguagem de uma utilidade teórica insubstituível, apta a entregar a mensagem do sentimento da natureza, tal que ele se apresente a diferentes povos (LÉVY, 2006, p. 28).³

Lévy afirma que a geografia humanista busca correspondência entre a geografia real, da concretude e a geografia imaginada das experiências cotidianas dos sujeitos com o espaço. O *L'homme et la terre* de Eric Dardel (1954) marca uma ruptura epistemológica na compreensão da ciência geográfica pois trata a Geografia como experiência originária, existencial, antes de ter conhecimento científico. Porém, sua obra não é bem aceita pelos geógrafos da época, tendo sido recuperada por geógrafos interessados em reconhecer a relação do sujeito com o seu lugar a partir do reconhecimento das identidades entre os sujeitos e destes com a natureza, compondo o que Dardel passou a denominar de *Geograficidade*, a revelação da compreensão indissociável dos aspectos físicos e naturais, bem como os aspectos humanos e simbólicos dos sujeitos com o lugar.

A oposição entre a ciência geográfica e a arte é um fenômeno da Modernidade uma vez que a compreensão entre ambas foi entendida nesse período como conhecimentos isolados que não podem dialogar por se tratarem de saberes com métodos de produção, finalidades e formas de apresentação distintas. O que é reflexo de toda a ciência que nesse período leva em conta somente o método rigoroso da razão objetiva e abandona a arte com sua expressão subjetiva. O conhecimento científico emergido nesse período tem como método de conhecimento de mundo a razão ao desconsiderar a sensibilidade como caminho que pode contribuir para o desvelamento de mundo. Deste modo, a ciência polariza o mundo

3 La littérature est ainsi considérée comme une source d’imagination scientifique, de stimulation intellectuelle, capable d’éveiller des désirs, d’influencer des goûts, de déclencher l’action. La littérature antique exprime aussi le grand mythe de l’époque romantique de la contemplation de la nature. La méthode de l’auteur est herméneutique, intertextuelle et comparative; il questionne, trace des filiations et confronte les grands textes du passé sur cette question fondamentale. La littérature est ainsi envisagée comme un langage d’une utilité théorique irremplaçable, apte à délivrer le message du sentiment de la nature, tel qu’il se présente chez les différents peuples (LÉVY, 2006, p.28).

sensível e o mundo inteligível. Dicotomiza a subjetividade e a objetividade. Considera que o mundo dos sentidos não tem possibilidade de obter um conhecimento digno de confiança e somente a razão deve ter a primazia no estudo científico.

Como afirma Paulo Cesar da Costa Gomes,

A razão, graças ao método, era considerada como o único instrumento capaz de isolar estes dois termos. Entre o mundo sensível e o mundo inteligível, o único ponto capaz de separar a percepção personalizada e imediata do conhecimento geral, universal e objetivo é o método científico. A enorme importância atribuída à objetividade, fetiche do discurso científico, vem desta possibilidade de construir um objeto do conhecimento por intermédio do método (GOMES, 1996, p. 68).

A geografia foi desde a Antiguidade suporte para a descrição e construção de uma explicação de mundo, de cosmologia universal. Segundo Gomes (1996), o conhecimento geográfico busca reproduzir o discurso científico da Modernidade. Por isso a Geografia obtém elementos explicativos que acompanham a evolução do pensamento científico. Deste modo, “a história da ciência geográfica pode, então, ser considerada como a história do *imago mundi* da própria modernidade” (GOMES, 1996, p. 28). Deste modo a geografia é a própria representação da modernidade.

A crise do conhecimento científico advém da impossibilidade de conhecer o mundo somente pela razão. Deste modo é necessário dialogar com outros campos de pensamento, como as artes. A arte não representa apenas a expressão estética de mundo, do belo, todavia abarca também as relações humanas com o seu lugar. Obviamente que a arte tem especificidades comparando-se com a Ciência, pois naquela não há a intencionalidade do rigor científico, mesmo que haja rigor na produção artística e esta se encontra associada a processos e a fenômenos sociais em que o artista busca a partir de sua produção propor uma reflexão. Assim especificamente expressa relações entre os sujeitos e o espaço.

A expressão *geografia literária* surgiu no limiar do século XX na França conjuntamente com a constituição da geografia universitária. A expressão ao que parece foi possível graças a importância do espaço para a literatura estudado com uma análise sistemática. O primeiro objeto de estudo desta área foi o contexto da produção literária. O contexto é essencial e tem influência para a construção das obras (COLLOT, 2012, p. 21). Segundo Collot, inicialmente a geografia literária foi confundida com o regionalismo uma vez que este leva em conta os traços singulares dos lugares, o que pode ser primordial para a composição da imaginação criativa dos estudiosos e literatos. A geografia literária expressaria a dimensão subjetiva e imaginária do espaço nas produções literárias, o que constitui uma geografia da literatura que analisa o espaço na literatura e a literatura no espaço.

Geopoética é um conceito criado pelos poetas franceses Michel Deguy e Kenneth White. Refere-se a valorização do espaço para o desenvolvimento da criação poética. Não somente, é a atitude humana perante a terra que pode ser expressa pela subjetividade das expressões artísticas (COLLOT, 2012, p. 20). Esta relação é estritamente encantadora e revela os elementos subjetivos que compõe a existência humana no mundo. Deste modo a geopoética se debruça na compreensão da ligação humanidade e espaço terrestre expressos

na produção literária, o que Collot avança mais ao afirmar que a geopoética pode ser uma teoria da criação literária.

O termo geopoética parece-me suscetível de designar ao mesmo tempo uma poética, ou seja, um estudo das formas literárias que configuram a imagem dos lugares, e uma poética: uma reflexão sobre os liames que unem a criação literária ao espaço (COLLOT, 2012, p. 25).

A literatura pode expressar de maneira efetiva a relação entre os seres humanos e a terra, pois por meio das expressões culturais as dimensões humanas, intelectual e sensível são demonstradas a experiência subjetiva com espaço. A sociedade moderna revela ter perdido a capacidade de compreender esta relação telúrica, pois não compreende os laços que a une ao espaço e se vê desconectada de seu ambiente. No entanto a produção literária pode contribuir para a retomada deste envolvimento desde que não seja somente entendida na sua estrutura textual (COLLOT, 2012, p. 25).

Tratar-se-ia de compreender por que o espaço pode ser fonte não somente de inspiração, mas de invenção de novas formas. Isso não tem nada de evidente para muitas mentes, presas a uma concepção da escrita como atividade essencialmente espiritual a se situar na esfera da interioridade.

A arte de escrever não constitui simplesmente a ação de exprimir o interior dos sujeitos, contudo revela a espacialização dos sujeitos, sua geograficidade, seu lugar no mundo. É uma forma de reconhecimento de sua habitação. É uma maneira de lançar-se no espaço ao inventar possibilidades de existência. O fator geográfico não é unicamente inspiração, é projeção.

O lugar como referência e ponto de partida para a compreensão da realidade pode contribuir para a análise da experiência geográfica. Segundo Dardel (2015), a geografia é uma experiência essencialmente humana e não é um objeto científico *a priori* de estudo. Ao ser humano é dado o chamado de habitar a Terra, não há escolhas, uma vez que humanidade é jogada para a existência. Os sujeitos são dotados de certa *geograficidade*, capacidade de desbravar a Terra em suas manifestações.

A relação entre humanidade e terra é afetiva, prática, simbólica e ao mesmo tempo teórica. Estas dimensões são experimentadas por toda a humanidade, pois elas são inerentes à condição terrestre. Segundo Eric Dardel “a ciência geográfica pressupõe que o mundo seja conhecido geograficamente, que o homem se sinta e se saiba ligado à Terra como ser chamado a se realizar em sua condição terrestre” (2015, p. 33).

O espaço pode ser interpretado por meio de símbolos, além de ser explicado pode ser compreendido e experimentado. Deste modo, a geografia humanista possibilita o estudo da realidade geográfica em sua dimensão existencial. Eric Dardel dizia que

(...) a vida se encarrega, apesar de todas as nossas barreiras intelectuais e de todas as preocupações de um positivismo de visão estreita, de restituir aos espaços terrestres seu frescor e sua glória, por pouco que aceitemos de recebê-los como dom [...] (DARDEL, 2015, pp. 92-97).

A Terra entendida como fundamento e fundante de toda atividade humana deve ser compreendida como base de todo sujeito coletivo. Deste modo, o relacionamento da humanidade com a Terra é existencial, e por isso é orgânico, não funcionalista. Esta relação deve ser de celebração da Terra como dom, o que é chamado de “vertigem geográfica” é a surpresa inesperada de ser conceber na dimensão telúrica.

Dardel (2015, p. 34) afirma que “a realidade geográfica é, para o homem, então, o lugar onde ele está, os lugares da sua infância, o ambiente que atrai sua presença [...]”. Deste modo, as experiências humanas com o lugar refletem a realidade geográfica, desde os espaços das memórias, dos espaços que não existem mais concretamente, àqueles que permanecem na concretude da presença.

O espaço pode ser *experienciado* de diferentes maneiras, o que dependerá da forma através da qual os sujeitos conhecem e constroem a realidade por meio dos sentidos e da forma com que eles se percebem, vivem, sentem, experimentam o mundo. É por meio da experiência de mundo que a humanidade transforma sua realidade circundante. E essa experiência é conquistada pelo intelecto e pelos sentidos.

Tuan (2013, p. 200) afirma que “uma função da arte literária é dar visibilidade a experiências íntimas, inclusive às de lugar”. Desta maneira, a arte contribui com a exposição das experiências humanas mais íntimas “A arte literária é mais particular que o discurso geral, bem menos particular que as sensações, pensamentos, e impactos de vivência, momento-a-momento. Um objetivo da arte literária é apresentar possíveis modos de experiência”⁴. A arte pode demonstrar a experiência com o lugar, fenômeno que acontece na obra de Quintana.

QUINTANA E PORTO ALEGRE

Mario Quintana nasceu em Alegrete, interior do Rio Grande do Sul, no entanto viveu grande parte de sua vida na capital gaúcha. A cidade de Porto Alegre foi palco para o afloramento de sua criação literária. Praças, principalmente a praça da Alfândega na rua da Praia (atual rua dos Andradas), bares, hotéis, ruas. Quintana gostava de *flanar* pelas ruas. Todavia as transformações urbanas o deixaram inquieto. Para Trevisan:

Quintana foi um urbano *auto-exilado*, fora dos padrões tradicionais. Vivia na cidade, gostava dela, amava-a. No fundo, porém, não se interessava por ela. Queria uma cidade de outros tempos, arcaica, feita de lampiões, de solares, de cacimbas em pátios e de goiabeiras juntos aos galinheiros. Não apreciava cidades que teimavam em evoluir, que se tornavam falsamente adultas, que viravam marmanjas [...] um urbano que detestava o “progresso” (TREVISAN, 2006, pp. 16-17)

Mario Quintana buscou por meio da poesia expressar essa inquietação e nostalgia pela Porto Alegre que não existe mais. Buscou na escrita humanizar o seu cotidiano e deste modo

4 Literary art is more particular than general discourse, far less particular than the moment-by-moment sensations, thoughts, and impacts of living. An aim of literary art is to present possible modes of experience (TUAN, 1978, p. 200).

criou sua obra baseada na relação intrínseca que estabelecia com o lugar. Segundo Ida Alves (2009, p. 206) há literatos que desenvolvem *poéticas assumidamente espaciais*. Quintana questionou o desenvolvimento da sociedade moderna e as transformações na paisagem urbana através de sua obra. Fernandes (2014) compreende que Quintana tinha uma maneira singular de representação geográfica:

[...] os poemas de Mario Quintana trazem o espaço como um lugar de significados complexos, uma vez que sua configuração é perpassada pela vivência e pelo registro poético de seus costumes, preferências, rotinas e trajetos na capital gaúcha; contudo, um espaço sempre novo, que reflete seu mecanismo criador. uma maneira de mostrar seu pertencimento à cidade e sua identificação com os elementos desse ambiente impregnado de lembranças e de significados latentes. (FERNANDES, 2014, p. 193)

A descontinuidade e oscilação de sentimentos é marca constante dos poemas quintaneanos o que reflete o desencaixe do eu-lírico em relação ao mundo. Percebe-se certo medo e melancolia em relação ao próprio viver nesse mundo que se transformou. Sobre o medo Tuan (2005) afirma:

É um sentimento complexo, no qual se distinguem claramente dois componentes: sinal de alarme e ansiedade. O sinal de alarme é detonado por um evento inesperado e impeditivo no meio ambiente, e a resposta instintiva do animal é enfrentar ou fugir. Por outro lado, a ansiedade é uma sensação difusa de medo e pressupõe uma habilidade de antecipação. Comumente acontece quando um animal está em um ambiente estranho e desorientador; longe de seu território, dos objetos e figuras conhecidas que lhe dão apoio. A ansiedade é um pressentimento de perigo quando nada existe nas proximidades que justifique o medo. A necessidade de agir é refreada pela ausência de qualquer ameaça (TUAN, 2005, p. 10).

O estado de emergência proveniente dos dois fatores de *sinal de alarme e ansiedade* que causam medo pode ser resultado de um evento súbito que impede alguma ação no meio, o que pode ser comparado com as bruscas reformas urbanas que são demais aceleradas e alteram de maneira abrupta a experiência com o lugar. A ansiedade, estado de agonia e aflição que na modernidade consiste em estar só apesar de estar em meio à multidão. A preocupação com o devir individual e coletivo leva os sujeitos a:

Frequentemente, parecem estar preocupados com o futuro, tanto o próprio quanto o da humanidade. Eles têm a sensação desagradável de que “as coisas estão se tornando piores”; o futuro promete não apenas maior deterioração dos centros das cidades como também crise ecológica, tensão racial, fome mundial e desastre nuclear (TUAN, 2005, p. 333).

Quintana dedicou sua vida a poesia e a cidade de Porto Alegre e no livro *A vaca e o hipogrifo* (1983), o autor questiona a rua que foi mudada e transformou os sujeitos em indiferentes. Sua melancolia foi canalizada na sua observação minuciosa dos sujeitos cidadãos e do próprio espaço, para Bachelard (2008, p.165): “pegar uma lupa é prestar atenção, mas prestar atenção já não será possuir uma lupa.” Quintana de certo modo possui uma lupa

que o fazia enxergar além do horizonte. O *flânerie* é uma marca essencial do poeta Mario Quintana. Para Fernandes:

Quintana, muitas vezes, imprimiu um caminhar solitário – talvez isso tenha contribuído para intensificar o hábito de grande observador da paisagem citadina. Em suas andanças, percorreu os labirintos das ruas, frequentou cinemas, bares, jornais, praças, quartos de pensões e hotéis que serviram de pontos de encontros e desencontros de uma vida dedicada à poesia e, parte dela, à cidade de Porto Alegre (FERNANDES, 2014, p. 193)

Foram selecionados cinco poemas do livro *A vaca e o hipogrifo*. O primeiro poema escolhido é *restaurante* (QUINTANA, 1983, p. 11): o eu-lírico questiona a arquitetura e forma da existência dos restaurantes atuais que parecem balcões que contribuem para a agilidade do atendimento do “freguês massificado e apressado”. Que ao se servirem de frango apressadamente parecem que o estão devorando na própria acomodação original das aves “poleiro”.

O segundo poema “história urbana” (QUINTANA, 1983, p. 16) é referenciado o signo “cidades grandes”. Em que ironicamente fala da indiferença dos sujeitos que por mais que possam ser “conhecidos e namorados” se perdem de vista. Simmel (1967) fala que as grandes metrópoles alteram até o modo de desenvolvimento psíquico dos sujeitos frente à reação dos estímulos que é endereçada a racionalidade e não mais a sensibilidade. Esta reação é uma maneira de preservar a vida subjetiva dos indivíduos da cidade grande.

[...] a reação àqueles fenômenos é deslocada para o órgão psíquico menos sensível, que está o mais distante possível das profundezas da personalidade. Essa atuação do entendimento, reconhecida, portanto como um preservativo da vida subjetiva frente às coações da cidade grande, ramifica-se em e com múltiplos fenômenos singulares (SIMMEL, 1967, p. 578).

O terceiro poema escolhido *confessional* (QUINTANA, 1983, p. 27). O eu-lírico desabafa ao falar de sua infância que quando criança vivia por trás de uma vidraça em sua casa. Observava de longe as tramas da vida. Bachelard (2008, p. 165) afirma que “O poeta, como tantos outros, sonha atrás da vidraça. Mas no próprio vidro descobre uma pequena irregularidade que vai propagar a irregularidade do universo”. Essa situação possibilitou a apuração da sensibilidade do sujeito da redoma que sobreviveu e do lado de fora vive hoje e é tudo diferente. Neste poema há relação com o poeta Mario Quintana que diz se chamado na infância de “menino do aquário” por causa de sua precária saúde.

Eu fui um menino por trás de uma vidraça – um menino de aquário. Via o mundo passar numa tela cinematográfica, mas que repetia sempre as mesmas cenas, as mesmas personagens. Tudo tão chato que o desenrolar da rua acabava me parecendo apenas em preto e branco, como nos filmes daquele tempo (QUINTANA, 1983, p. 27).

Sobre a possibilidade de contemplar a imensidão no estar solitário, Bachelard afirma que “está ligada a uma espécie de expansão de ser que a vida refreia, que a prudência detém,

mas que retorna na solidão. Quando estamos imóveis, estamos algures; sonhamos num mundo imenso. A imensidão é o movimento do homem imóvel. A imensidão é uma das características dinâmicas do devaneio tranquilo” (BACHEARD, 2008, p. 190).

Na solidão os sujeitos apreendem o espaço da intimidade e o espaço do mundo, que no caso de Quintana resultou na apreensão do espaço poético. Bachelard explica que “Parece, então, que é por sua “imensidão” que os dois espaços – o espaço da intimidade e o espaço do mundo – tornam-se consoantes. Quando a grande solidão do homem se aprofunda, as duas imensidões se tocam, se confundem”. (BACHELARD, 2008, p. 207).

O quarto poema selecionado é *Um pé depois do outro* (QUINTANA, 1983, pp. 102 e 103). Existem signos geográficos referenciados como a rua e as paisagens suburbanas. Nele o eu-lírico revela seu hábito de flunar, de fazer descobertas a céu aberto e a pé. Não importava o nome da rua “estávamos fazendo descobrimentos e não turismo”. Eles eram “colombos desinteressados”. O personagem *Flânerie* não existe mais, pois foi estrangulado pelo “progresso” da modernidade. “Naquele tempo as pessoas costumavam reparar umas nas outras” (QUINTANA, 1983, pp. 102 e 103). Hoje pela aceleração da vida esse hábito não é preponderante. As pessoas tinham curiosidade e hoje não possuem (QUINTANA, 1983, pp. 102 e 103).

Há gente que gosta de escalar o Everest – uma paranoia como outra qualquer. Mas sou insuspeito para mandar contra, em vista da modéstia de minha própria mania. A qual consiste em descobrir ruazinhas desconhecidas. Como se vê, uma mania bastante chá. Sérgio de Gouvêa e eu éramos peritos nisso. Descíamos num fim-de-linha e, quando nos sorria a perspectiva, enveredávamos por qualquer rua transversal. Nunca nos importou o nome da rua, porque estávamos fazendo descobrimentos e não turismo e, além disso, não constava de nossas intenções colonizar aquelas terras incógnitas, nem mais lá voltar. Éramos uns Colombos completamente desinteressados. Naquele tempo as pessoas costumavam reparar umas nas outras e os aborígenes nos fitavam com um olhar de quem indaga: “Quem serão esses?” (QUINTANA, 1983, p.102;103)

O quinto poema é no *princípio do fim* (QUINTANA, 1983, p. 130). O eu-lírico fala dos ruídos que não se ouvem mais na cidade. Lamenta a sociedade que vive no barulho. Expressa a indignação frente a decadência da civilização moderna.

[...] Há muitos – a grande maioria – que já nasceram no barulho. E nem sabem, nem notam, por que suas mentes são tão atordoadas, seus pensamentos tão confusos. Tanto que, na sua bebedeira auricular, só conseguem entender as frases repetitivas da música Pop. E, se esta nossa “civilização” não arrebentar, acabamos um dia perdendo a fala – para que falar? Para que pensar? – ficaremos apenas no batuque: “Tan! tan! tan! tan! tan! (QUINTANA, 1983, p. 130).

A modernidade construiu o espaço desconectado das experiências subjetivas. Na sociedade contemporânea o espaço da cidade está subordinado aos interesses dos agentes modeladores hegemônicos do espaço urbano. O que resulta na degradação das pessoas, no ruimento e caduquices modernas como: estresse, depressão, ansiedade que são resultados de patologias nas relações sociais. A falta de tempo para pensar a realidade desencadeia na

diminuição do sentido da experiência, como afirma Benjamin (1985, p. 118) ao falar da pobreza da experiência e a decadência as relações humanas:

Ficamos pobres. Abandonamos uma depois da outra todas as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas vezes a um centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do “atual” [...] em seus edifícios, quadros e narrativas a humanidade se prepara, se necessário, para sobreviver à cultura” (BENJAMIN, 1985, p. 119)

A pobreza da experiência é resultado de uma sociedade que virou as costas para a poesia, Quintana observou atentamente esse processo “a civilização moderna, impermeável à poesia, aparece para Quintana como um mundo em decomposição, que se desmorona inelutavelmente” (BECKER, 1996, p. 35). O poeta transformou seu pesar em um estado de criação constante.

CONCLUSÃO

A obra de Mario Quintana é encontro entre literatura e geografia uma vez que sua produção literária foi criada a partir das relações estabelecidas entre o poeta e os lugares e sujeitos da cidade. A geografia pode encontrar na literatura uma importante inspiração para a compreensão dos fenômenos espaciais que ligam o ser humano a terra. Parafraseando Bachelard, como os geógrafos haveriam de aprender se consentissem em ler os poetas!⁵. A literatura não é ornamento. Não é somente o belo. Ela é uma criação que revela a humanidade dos sujeitos, a forma como estes se constitui gente. As reformas urbanas alteram a existência interior das pessoas. E por mais que na contemporaneidade ser bem-sucedido é aquele que é indiferente aos choques da vida moderna, não conseguiram arrancar do poeta sua sensibilidade. Sua lentidão. Sua preguiça. Quintana é o sujeito que mesmo sem dar um passo geográfico de distância, viajou o mundo inteiro. Não foi regionalista ou localista, teve um recado para os sujeitos independente de sua cidade natal. Quintana conheceu lugares pela experiência e não somente pela vivência. A poesia foi para ele uma maneira de enfrentar a miséria do tempo presente com a perda da experiência e ao mesmo tempo consistiu em um chamado ao resgate da urbanidade.

5 “Ah, como os filósofos haveriam de aprender se consentissem em ler os poetas” (BACHELARD, 2008, p. 212).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Ida. Cruzamentos Urbanos na Poesia Portuguesa Recente. **Via Atlântica** n° 15 JUN/2009.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. 242p.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BECKER, Paulo. **Mario Quintana: as faces do feiticeiro**. Editora da Universidade Federal do Rio Grande Sul, 1996.
- COLLOT, Michel. **Rumo a uma geografia literária**. Gragoatá, Niterói, n. 33, pp. 17-31, 2º semestre, p. 17-31, 2012.
- DARDEL, Eric. **O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015. 159p.
- FERNANDES, Mônica Luiza Socio. O mapa: registros da poética urbana de Mario Quintana. **TODAS AS LETRAS W**, São Paulo, maio 2014, v. 16, n. 1, pp. 190-199.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e modernidade**. Bertrand Brasil, 1996.
- LÉVY, Bertrand. Géographie et littérature. Une synthèse historique. **Le Globe**, 2006, vol. 146, p. 25-52
- QUINTANA, Mario. **A vaca e o hipogrifo**. 4ª ed. Porto Alegre: L&PM, 1983.
- _____. **Apontamentos de História sobrenatural**. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O. G. (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967
- TREVISAN, Armindo. **Mario Quintana desconhecido**. Porto Alegre: Brejo editora, 2006.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 2013.
- _____. **Paisagens do medo**. UNESP, 2005.
- _____. Literature and Geography: implications for geographical research. In: LEY, David; SAMUELS, Marwyn. (ed.). **Humanistic Geography: prospects and problems**. Chicago: Maaroufa Press, 1978. pp. 194-206.

*Recebido em junho de 2017.
Aprovado em dezembro de 2017.*